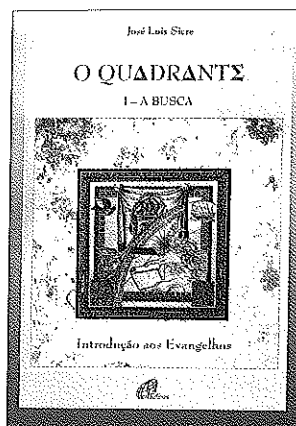


O QUADRANTE

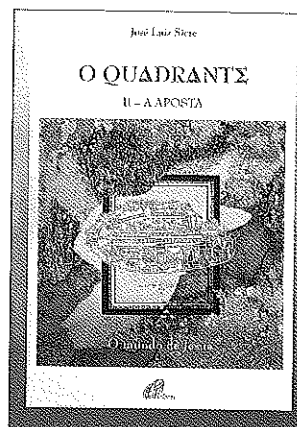
José Luis Sicre



O Quadrante é uma obra dividida em três volumes, todos construídos da mesma forma: uma viagem apaixonante através do mundo dos Evangelhos, alternada com capítulos de caráter científico, que reúnem os principais dados de que se dispõe até o momento para aprofundar o estudo de cada um dos evangelistas.

A viagem é conduzida por Andrônico, um cristão da Ásia Menor, nascido no ano 58, o quarto do reinado de Nero. Esse personagem, a quem "as respostas vagas não satisfazem", resolve conhecer o Evangelho quando encontra no texto de Marcos um fato estranho: uma referência ao quadrante, nome de uma moeda usada apenas em Roma e não na Judéia, onde vivia Jesus.

• O primeiro volume, *A busca - Introdução aos Evangelhos*, descreve o processo de formação dos três primeiros evangelistas, Marcos, Mateus e Lucas, de modo a ampliar a compreensão do significado do Evangelho e dos principais problemas que sua leitura suscita aos cristãos na passagem do novo milênio.

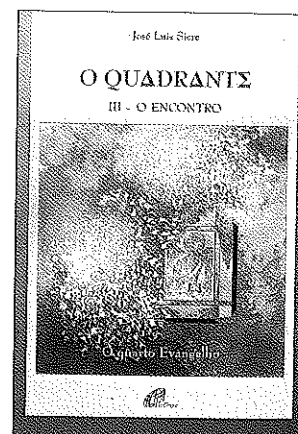


• O segundo volume, *A aposta*, tem por tema o mundo de Jesus e contém dados que envolvem desde geografia, história e contexto social até a resposta de Jesus a seus contemporâneos. Por meio do personagem principal, agora já casado com filhos, o autor discute uma questão que não caberia em nenhum estudo científico:

co: o contraste entre conhecer o Evangelho e viver o Evangelho.

• No terceiro volume, *O encontro*, Andrônico descobre o Evangelho de João, o mais polêmico e debatido de todos os evangelhos canônicos. É o final da aventura desse personagem que, segundo suas próprias palavras:

É uma aventura intelectual, que terminou convertendo-se em aventura espiritual. A história de minha vida e de minha época só interessa enquanto se refere à história de uma busca, de uma aposta e de um encontro.



José Luis Sicre, nascido em 1940, na Espanha, licenciou-se em Filosofia e dedicou sua pesquisa científica ao estudo dos profetas. Atualmente é doutor em Sagrada Escritura e leciona na Faculdade de Teologia da Universidade de Granada e no Pontifício Instituto Bíblico de Roma.

SEGUIMENTO DE JESUS

UMA ABORDAGEM A PARTIR DA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO

Irmã Dra. Ivanise Bombonato

A situação de extrema pobreza em que vive grande parte dos seres humanos, a gritante desigualdade social¹, a cultura da indiferença em relação aos pobres², a mudança de paradigmas³, as rápidas transformações sócio-culturais e político-econômicas, características do cenário atual, trazem consigo um imperativo: a necessidade de repensar, constantemente, a fé cristã a partir dessa realidade e à luz do seu evento central: *Jesus de Nazaré*.

Esta tarefa, complexa e exigente, de repensar a fé cristã num mundo desigual e em constantes transformações recoloca, no centro da reflexão cristológica, a questão da continuidade da prática de Jesus através do seu seguimento que está na origem da experiência fundante do cristianismo⁴ e expressa as dimensões essenciais da existência cristã⁵, mas que, por muito tempo, foi relegada ao âmbito da teologia espiritual⁶.

¹ Atualmente, 2,8 bilhões de pessoas (quase 50% da população mundial) vivem com renda menor que 2 dólares diários, dos quais 1,2 bilhão (22% dos habitantes da terra) vivem com renda menor que 1 dólar diário. Na América Latina, 15% da população vivem em situação de pobreza absoluta e o número de indigentes passou de 63,7 milhões em 1987, para 78,2 milhões em 1998. Cresce a desigualdade da distribuição da renda. Nos 20 países mais ricos a renda média é 37 vezes maior que a dos 20 países mais pobres. A diferença duplicou nos últimos 40 anos. Cf. Banco Mundial, *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial 2000/2001*, divulgado em 12 de setembro de 2000.

² SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*, p. 13.

³ Para a compreensão do significado da mudança de paradigmas e suas implicações para o fazer teológico servem como referência as obras de FABRI DOS ANJOS, M. (org.), *Teologia e novos paradigmas e Teologia aberta ao futuro*.

⁴ FERNÁNDEZ, B. *Seguir a Jesús, el Cristo*, p. 165.

⁵ VIDAL, S. El seguimiento de Jesús en el Nuevo Testamento: Visión general. In: *El seguimiento de Cristo*. p. 13.

⁶ "Na teologia européia o 'seguimento de Jesus' normalmente foi relegado à teologia espiritual e quase não influuiu na cristologia, e quando o fez foi para mostrar a

A cristologia da libertação, na expressão do teólogo Jon Sobrino⁷, seu representante mais significativo, busca recuperar a espessura teológica e o significado revelador da vida terrena de Jesus com o objetivo de recriar sua prática hoje para prosseguir sua causa e evitar que o acesso a Cristo seja ideologizado⁸.

Diante dessa constatação, levantamos as seguintes perguntas: Terá Jon Sobrino uma concepção original da categoria cristológica do seguimento de Jesus? Em caso afirmativo, essa concepção perpassa ou não sua cristologia,

consciência peculiar de Jesus que se mostra na experiência de um seguimento incondicional. Todavia, o 'seguimento' de Jesus como lugar epistemológico de 'conhecer' Jesus quase sempre foi ignorado e está ausente nas cristologias contemporâneas sistemáticas." Alguns autores referem-se ao seguimento de Jesus, como por exemplo, D. Bonhoeffer em sua obra *Discipulado*, H. U. von Balthasar em *Ensayos teológicos* e J. Moltmann, *El Dios crucificado*. Entretanto, o tema do seguimento de Jesus, na sua verdadeira abrangência para a cristologia e para a existência cristã, esteve ausente em renomadas cristologias sistemáticas como a de P. Tillich, *Teologia sistemática* e a de W. Pannenberg, *Fundamentos de cristologia*". Cf. SOBRINO, J. *Ressurreição da verdadeira Igreja*, p. 32.

⁷ Nascido em Barcelona, na Espanha, no dia 27 de dezembro de 1938, Jon Sobrino entrou na Companhia de Jesus em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, minúsculo país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras na Universidade St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o *master's* em Engenharia na mesma Universidade, em 1965. Sua formação teológica aconteceu no período que abrange o contexto pré-conciliar, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia, em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese "Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologias sistemáticas de W. Pannenberg y J. Moltmann". É doutor *honoris causa* pela Universidade de Lovaina, na Bélgica (1989) e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da *Revista Latinoamericana de Teología* e do Informativo *Cartas a las Iglesias*, além das tarefas de pastorais e de inúmeras solicitações para palestras e cursos, encontros e congressos, providas de todas as partes do mundo.

⁸ SOBRINO, J. *Jesus na América Latina*. p. 106.

a ponto de tornar-se abrangente e relevante? Terá ele dado uma contribuição específica e qualificada para o resgate desta categoria cristológica?

Estas questões e os desafios provindos da realidade atual, que tocam o cerne da existência cristã e do anúncio da boa nova de Jesus caminho, verdadeiro e vivo, nesta encruzilhada da história, e a conseqüente necessidade de repensar os conteúdos da fé cristã, motivaram a decisão de aprofundar o tema do seguimento de Jesus numa abordagem a partir da cristologia de Jon Sobrino.

Delimitamos o universo da nossa pesquisa, formulando a questão central: *Qual o significado, a abrangência e a relevância do seguimento de Jesus na cristologia de Jon Sobrino e qual a contribuição que ele oferece para o resgate desta categoria.*

Respondemos a essa questão abordando os seguintes aspectos: *a originalidade do chamado de Jesus de Nazaré* (1); *seguimento e imitação na história do cristianismo* (2); *cristologia na perspectiva do seguimento* (3); *a multiplicidade das formas para expressar a realidade do seguimento* (4); *espiritualidade do seguimento de Jesus* (5). Concluindo, sintetizaremos *a contribuição de Jon Sobrino para a reflexão cristológica* (6).

1. ORIGINALIDADE DO CHAMADO DE JESUS DE NAZARÉ

Para compreender a proposta de atualização e vivência do seguimento de Jesus feita por Jon Sobrino, é necessário, antes de tudo, situá-la no horizonte neotestamentário.

Ao iniciar sua atividade pública, Jesus de Nazaré chamou pessoas do meio do seu povo para segui-lo e partilhar com ele a vida, a missão e o destino⁹. Os evangelhos, redigidos a partir da experiência pascal e por conseguinte, em muitas ocasiões, refletindo a situação das primeiras comunidades

⁹ SOBRINO, J. Seguimento de Jesus. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. p. 772.

cristãs, registram a existência de um grupo de pessoas que, respondendo ao chamado de Jesus, o seguiam¹⁰. Os traços característicos do seguimento encontram-se, particularmente, nas narrativas da vocação dos primeiros discípulos¹¹ e nos ditos (*logias*)¹² de Jesus a esse respeito. As narrativas das vocações são contextualizadas e trazem informações acerca dos nomes e da profissão das pessoas que encontraram Jesus; os ditos (*logias*), em geral, são anônimos e generalizados. A atenção é centrada na pessoa de Jesus e na sua tomada de posição¹³.

Os evangelhos revelam uma dupla face no agir de Jesus em relação ao chamado: de um lado ele se insere no universo cultural do seu tempo e toma como modelo exterior as relações mestre-discípulo, existentes no sistema rabínico¹⁴; de outro, traz uma novidade inconfundível, fundamentada na consciência de sua missão salvífica. Ele toma a iniciativa do chamado e da escolha

¹⁰ VIDAL, S. El seguimiento de Jesús en el Nuevo Testamento. Visión general. In: *El seguimiento de Cristo*. p. 14.

¹¹ As histórias das vocações são múltiplas: a) a vocação dos primeiros discípulos: Mc 1,16-20, Mt 4,18-22, Lc 5,1-11; b) a vocação de Levi: Mc 2,14, Mt 9,9, Lc 5,27ss; c) o episódio do jovem rico: Mc 10,17-22; Mt 19,16-22; Lc 18,18-23; d) outras narrativas como a do cego Bartimeu depois de sua cura: Mc 10,46-52, Lc 18,35-43; ou do endemonhado de Gerasa: Mc 5,18ss, Lc 8,38. Ao lado destas narrativas, os evangelhos registram também alguns ensinamentos acerca do seguimento: a) exigências de radicalidade implícita no seguimento: Lc 9,57-62, Mt 8,19-22; b) o risco que a experiência de seguimento comporta, associada à imagem de carregar a cruz; nesta perspectiva, a ligação entre cruz e seguimento reforça a exigência da disponibilidade total, até o martírio: Mc 8,34, Mt 10,38; 16,24, Lc 9,23; 14,27, acompanhada da promessa da recompensa futura: Mt 19,28; Lc 22,28-30. Cf. PERRONE, L. *Sequela Christi e imitazione*. In: *Dizionario degli Istituti di perfezione*, v. 8, p. 1292.

¹² Os evangelistas registram uma série de ditos de Jesus (*logias*) nos quais ele especifica as condições necessárias para ser seu discípulo. Entre estes podemos citar, Mt 10,37-38; Lc 14,26 que se referem à exigência de *romper com os vínculos familiares*; Mc 8,34; Mt 16,24; Lc 9,23 que se referem à exigência de *carregar a cruz*; Mt 8,19-22; Lc 9,57-60 propõem aos que querem seguir Jesus o mesmo *estilo de vida*. Cf. LOZANO, J. M. *La sequela di Cristo*. p. 23-26.

¹³ GNILKA, J. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*, p. 159.

¹⁴ SCHULZ, A. *Discípulos de Jesus*. p. 17; FERNÁNDEZ, B. *Seguir a Jesús, el Cristo*. p. 124.

dos seus discípulos¹⁵ e age com autoridade profética. O centro do seguimento é a fé na sua pessoa como o enviado do Pai¹⁶. A relação mestre-discípulo é uma comunhão vital com Jesus e traduz-se na obediência incondicional à sua palavra e na entrega total e permanente da própria vida¹⁷. O objetivo do seguimento é deixar-se plasmar por ele, seguindo seus passos¹⁸.

Nos evangelhos, o seguimento não possui um significado unívoco e nem todas as passagens em que o termo aparece possuem particular importância teológica. Os textos que se referem ao seguimento podem ser catalogados em seis tipos diferentes.

1) Textos que indicam o simples *seguir exterior do Mestre*¹⁹ que precede no caminho, acompanhado pelas multidões²⁰, pelos seus seguidores, pelos doze ou por algum de seus discípulos²¹. 2) Textos nos quais o seguimento é empregado no *sentido de acreditar*²². 3) Textos em que seguir significa *participar da mesma sorte do Mestre*²³. 4) Textos nos quais o seguimento indica o dever do discípulo de *seguir as pegadas do mestre*²⁴. 5) Textos nos quais o seguimento é *sinônimo de discípulo*, frequentemente nos sinóticos²⁵.

¹⁵ Os jovens israelitas escolhiam, livre e espontaneamente, seu mestre, seguindo alguns critérios básicos. O mestre devia ser, de preferência, um ancião sábio que tivesse qualidades intelectuais e fosse também exemplo de vida moral, pois sua função não era apenas transmitir e conservar o patrimônio espiritual, mas recriá-lo constantemente. Por conseguinte, seguir um mestre significava ter um critério seguro e um ponto de referência necessário na vida religiosa. Cf. DI SEGNI, R. *La sequela nella tradizione rabinica*. In: *Seguimi!*, p. 74-75.

¹⁶ GNILKA, J. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. p. 158.

¹⁷ FERNÁNDEZ, B. *Seguir a Jesús, el Cristo*, p. 135.

¹⁸ SCHULZ, A. *Discípulos do Senhor*. p. 23-29.

¹⁹ Existem também textos em que o verbo *akolouthéô* não se refere a Jesus: Mt 9,19; Mc 14,13; Lc 22,10; Jo 11,31; 20,6; 21,20.

²⁰ Cf. Mc 3,7 e par.; 5,24 e par.; 11,9 e par.; Mt 4,25; 8,1-10 (= Lc 7,9; 9,37); 14,13; 19,2; 20,29; Lc 23,27; Jo 6,2; 12,19.

²¹ Mc 2,14-15; 15,41 e par.

²² Jo 8,12; 10,4.

²³ Jo 12,26; 13,36.37; 21,19-22. Lc 14,27 e par.; Mc 8,24b e par.

²⁴ Lc 14,27 e par.; Mc 8,24b e par.

²⁵ Mc 1,17 e par.; 1,18 e par.; 1,20 e par.; 2,14 e par.; 10,28 e par.; Mt 19,28; Lc 5,11; 9,57 e par.; 9,59 e par.; 9,61.

e, às vezes, em João²⁶; 6) Textos nos quais Jesus é proposto explicitamente como *modelo ético*²⁷.

De acordo com o testemunho dos evangelistas, podemos dizer que a expressão “seguir” ou “ir atrás de” tem, pelo menos, três significados diferentes²⁸; primeiro, *seguir fisicamente Jesus ou outra pessoa*; segundo, *seguir físico unido à vinculação espiritual à pessoa de Jesus*: o seguidor acompanha permanentemente Jesus, adere à sua causa e participa de seu destino; terceiro, *seguir simbólico*: superada a fase originária da itinerância de Jesus e de seus discípulos, o termo adquire uma densidade própria e um valor simbólico e converte-se em expressão da vida cristã²⁹.

Esta diversidade de significados nos leva a perceber que o conceito de seguimento passou por uma transformação. *Antes da Páscoa*: o seguimento está visivelmente ligado ao Mestre Jesus de Nazaré e se apresenta como um fenômeno histórico irrepetível. Seguir Jesus significa participar de sua vida terrena e de sua obra messiânica, colocando-se a serviço do reino; *depois da Páscoa*, seguir transforma-se num termo teológico que caracteriza o ser cristão e assume um significado que ultrapassa a primitiva acepção concreta; é a resposta de fé ao apelo de Jesus ressuscitado para prosseguir sua causa³⁰.

Enquanto nos evangelhos sinóticos e particularmente em João, a participação na vida e destino de Cristo diz respeito à dimensão histórica e mística, Paulo desenvolve unicamente o aspecto que podemos chamar de místico. Um dos termos empregados por ele para expressar a realidade da relação do ser humano com Cristo ressuscitado é o de imitação³¹.

²⁶ Jo 1,40.43.

²⁷ 1Pedro 2,21.

²⁸ Nos escritos do Novo Testamento, o termo seguimento deriva de *akolouthéō* (=seguir, ir atrás de). Seu uso não é uniforme, nem mesmo comum entre os diversos livros. É usado com maior frequência pelos evangelhos, 90 vezes, sendo: 25 em Mateus, 18 em Marcos, 17 em Lucas, 19 em João. Cf. PERRONE, L. *Sequela Christi e Imitazione*. In: *Dizionario degli Istituti di perfezione*, v. 8, p. 1292.

²⁹ MAZZEO, M. *La sequela di Cristo nel libro dell'Apocalisse*. p. 72.

³⁰ *Ibid.* p. 88-92.

³¹ No corpus paulino são relativamente poucos os textos em que encontramos a terminologia da imitação: 1Cor 4,16 e 11,1; Fil 3,17; 1Ts 1,6 e 2,14; 2Ts 3,7-9. Entretanto, este conceito tem uma importância relevante no pensamento de Paulo. Cf. MICHAELIS, W. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, v. 7, p. 253-298; PROIETTI, B. *Sequela Christi e Imitazione*. In: *Dizionario degli Istituti di perfezione*, v. 8, p. 1207.

Para entender, mais profundamente, o convite do apóstolo Paulo à imitação é preciso situá-lo no horizonte mais amplo de sua teologia e, particularmente, ter presente os aspectos da *vocação cristã do ser humano como progressiva configuração a Cristo e da união do crente com Cristo*. O conceito paulino de imitação não é uma realidade estática, mas cheia de dinamismo, que compromete continuamente os fiéis. No decorrer das epístolas paulinas, o termo imitação adquire matizes diferentes; os modelos de imitação são múltiplos e o objeto de imitação é variado³².

Para compreender a proposta de atualização e vivência do seguimento, em Jon Sobrino, além de ter presente o horizonte neotestamentário, é importante também situá-lo na tradição eclesial.

2. SEGUIMENTO E IMITAÇÃO NA HISTÓRIA DO CRISTIANISMO

Na tradição eclesial, o evento salvífico do chamado de Jesus e a resposta dos primeiros discípulos constituem a fonte inspiradora e normativa de todos os esforços de atualização e vivência do seguimento ao longo da história³³. Todas as tentativas de compreensão e vivência do seguimento fundamentam-se na consciência do mistério imprescrutável da pessoa de Jesus, o Verbo eterno, por meio do qual Deus entra na vida da pessoa e da imensurabilidade da experiência cristã.

A relação entre seguimento e imitação tem seus pressupostos na vida de Jesus e se expressam: na *relação-comunhão vital* que ele estabelece com seus discípulos, coloca-os em condição de assimilar suas atitudes; na *exigência de mudança de mentalidade* dos que respondem ao chamado do Mestre da Galiléia; no fato de que Jesus chama Deus de Pai e *ensina os discípulos*

³² PROIETTI, B. *Sequela Christi e Imitazione*. In: *Dizionario degli Istituti di perfezione*, v. 8, p. 1298.

³³ DI PINTO, L. *Seguire Gesù secondo I vangeli sinottici*. In: *Fondamenti biblici della teologia morale*. p. 238; FERNÁNDEZ, B. *Seguir a Jesus, el Cristo*. p. 15.

a fazerem o mesmo. Entretanto, Jesus não se coloca como objeto de imitação, mas convida a imitar o seu Pai³⁴.

Seguimento e imitação são, na Igreja nascente, dois modos complementares para expressar a relação-comunhão de Jesus com os seus seguidores. As perseguições e o martírio mantinham os cristãos numa permanente tensão escatológica e numa fidelidade constante à pessoa de Jesus Cristo. O martírio era expressão máxima de seguimento de Jesus e de imitação de seus sofrimentos³⁵.

Cessadas as perseguições, nasce uma nova forma de seguimento e imitação: o monacato. Os monges eram herdeiros dos mártires que buscavam a solidão do deserto para ser, no coração da Igreja, o que os mártires haviam sido³⁶. A característica marcante dessa época é o caráter testemunhal e cristocêntrico do seguimento e da imitação, o qual era mediado pelos apóstolos, primeiros seguidores de Jesus.

Na tradição dos conceitos de seguimento e de imitação, Santo Agostinho é considerado uma marco referencial. Em sua obra *A virgindade consagrada*³⁷ faz uma exortação que é um cântico novo das virgens e conclui com a pergunta que encerra uma afirmação: *O que quer dizer seguir, senão imitar?*³⁸ Esta frase é citada em muitos escritos para justificar a identificação destes dois conceitos de seguimento e imitação³⁹.

³⁴ TURBESSI, G. Il significato neotestamentario di "sequela" e di "imitazione" di Cristo. In: *Benedictina*, p. 216-218.

³⁵ ÁLVAREZ GOMEZ, J. *Historia de la vida religiosa*. p. 129-131.

³⁶ CODINA, V. ZEVALLOS, N. *Vida religiosa: história e teologia*. p. 114.

³⁷ A obra de Santo Agostinho, *De Sancta Virginitate*, escrita no final do ano 401, foi traduzida, no Brasil pelas Edições Paulinas e publicada em 1990. A obra divide-se em duas partes. A primeira parte (capítulos 1-30) fala da virgindade em si mesma, da qual Cristo e Maria são modelos perfeitos. Estabelece a superioridade da consagração a Deus pela virgindade, acima do estado matrimonial. A segunda parte (capítulos 31-56) é dedicada à consideração da humildade, tão necessária ao estado virginal. *A virgindade consagrada*. p. 5-10.

³⁸ *A virgindade consagrada*. p. 52.

³⁹ Sobre a referência à pergunta afirmativa de Santo Agostinho *O que quer dizer seguir senão imitar?*, ver, por exemplo, PROIETTI, B. *Sequela Christi e imitazione*. In: *Dizionario degli Istituti di perfezione*, v. 8, p. 1288; ESTRADA, J. A imitação de Jesus Cristo. In: *Dicionário teológico da vida religiosa*. p. 551.

A afirmação de Santo Agostinho de que *seguir é imitar* encontrou, na cristologia e na piedade medievais, um terreno fértil para germinar, crescer e dar frutos. Inaugurou-se, assim, na tradição cristã ocidental, um longo período em que desapareceu, quase por completo, o conceito de seguimento, dando lugar à preocupação pela imitação de Cristo.

Alguns fatores contribuíram para projetar luzes no conceito de imitação deixando na sombra o conceito de seguimento, entre eles podemos citar: a centralidade e a relevância da humanidade de Jesus⁴⁰, a teologia da imitação de Santo Tomás de Aquino⁴¹, a espiritualidade como caminho ascético e místico da imitação, particularmente desenvolvido nas Escolas de Espiritualidade⁴², a *devotio moderna* e o famoso livro da *Imitação de Cristo*⁴³, a moral como disciplina prático-pastoral⁴⁴.

A teologia dos dois estados de vida: dos conselhos evangélicos e dos mandamentos colaborou para que o seguimento de Jesus fosse entendido como sinônimo de vida religiosa⁴⁵.

O conceito de imitação não conservou seu significado original. Embora seja impossível estabelecer uma distinção rígida, podemos perceber três momentos importantes: primeiro, *conformidade a Cristo*: imitação chamada *empírica*, porque não se apóia em nenhum sistema de pensamento e *implícita*, porque é proposta de modo genérico, sem se ater a nenhum aspecto da vida e dos ensinamentos de Jesus; segundo, *Jesus, modelo exterior*: imitação

⁴⁰ ÁLVAREZ NAVARRETE, P. El seguimiento de Cristo en la teología y espiritualidad monástica. In: *El seguimiento de Cristo*. p. 227; BARBAGLIO, G.; DIANICH, S. *Nuevo Diccionario de teología*, v. 1, p. 250.

⁴¹ ADNES, P. *Sequela e imitazione di Cristo nella Scrittura e nella Tradizione*. p. 146.

⁴² BARDY, G., TRICOT, A. *Enciclopedia cristologica*. p. 808.

⁴³ Não só o sucesso, mas, acima de tudo, a influência da obra *Imitação de Cristo* pode ser avaliada a partir do fato de que ela teve 88 edições incunábulas e mais de 200 edições no século XVI. Cf. ESTRADA, J. A. *Imitação de Jesus Cristo*. In: *Dicionário teológico da vida religiosa*. p. 552. No Brasil, pelo menos duas traduções alcançaram sucesso com a publicação de várias edições: a do Pe. Leonel Franca e a do Pe. José Maria Cabral, enriquecida com reflexões de Pe. J. T. Roquette.

⁴⁴ CAFFARRA, C. Teologia morale (storia). In: *Dizionario enciclopedico di teologia morale*. p. 1103.

⁴⁵ CASTILLO, J. M. *El seguimiento de Jesús*. p. 191.

literal e explícita porque cada acontecimento da vida de Jesus, cada gesto, cada palavra tem um significado particular e explícito; terceiro, *Jesus principio interior*: imitação *espiritual*, parte da consideração teológica da encarnação do Verbo, a qual é a causa eficiente e exemplar de toda a obra de Deus *ad extra*⁴⁶.

Apesar disso, o conceito de seguimento não é totalmente esquecido. Deus suscitou alguns profetas, desejosos de voltar às fontes do evangelho e viver a radicalidade do seguimento, como foi proposto por Jesus. Entre eles, podemos citar São Francisco de Assis, São Domingo Gusmão e Santo Inácio de Loyola. A reforma protestante também pode ser considerada como uma tentativa de resgate da categoria de seguimento. Na teologia protestante, a história do seguimento, passa, particularmente, por três teólogos: Martin Luther, Sören Kierkegaard e Dietrich Bonhoeffer⁴⁷.

Atualmente, vivemos um momento de revalorização do seguimento. O esforço dos teólogos para resgatar esse conceito não constitui um fato isolado. Suas raízes devem ser buscadas no horizonte do processo histórico de compreensão da vida, missão e destino de Jesus de Nazaré e da preocupação que polarizou a atenção dos teólogos, particularmente no final do século XIX até o começo do século XX: a volta ao Jesus histórico⁴⁸.

Jon Sobrino participa deste movimento de volta ao Jesus histórico e de resgate da categoria cristológica do seguimento.

3. CRISTOLOGIA NA PERSPECTIVA DO SEGUIMENTO

Para compreender a proposta de atualização e vivência do seguimento feita por Jon Sobrino é importante, antes de tudo, situá-la no contexto mais amplo de sua reflexão cristológica. Sua cristologia está articulada em três

realidades fundamentais: as *vítimas* que constituem a realidade social e eclesial, ambiente teológico do autor⁴⁹, o *Jesus histórico, norma normans non normata*⁵⁰, e o *seguimento*, expressão de fé e a mais importante forma de explicitar a existência cristã⁵¹. Estas três realidades estão íntima e profundamente relacionadas entre si: a realidade sócio-eclesial remete ao lugar onde acontece a fé e a reflexão cristológica⁵²; o Jesus histórico é critério de seguimento⁵³; e o seguimento é um modo de recuperar o Jesus histórico⁵⁴.

3.1 A perspectiva das vítimas

Na introdução de sua mais recente obra *A fé em Jesus Cristo: Ensaio a partir das vítimas*, Jon Sobrino afirma que sua cristologia tem uma perspectiva *parcial, concreta e interessada*: as vítimas deste mundo ou os povos crucificados⁵⁵, expressões que são sinônimos da palavra pobres, mas que querem resgatar a dramaticidade atual do mundo da pobreza e a responsabilidade histórica diante dela.

⁴⁹ SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*: a história de Jesus de Nazaré. p. 14-15.

⁵⁰ SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*. p. 27; *Jesus na América Latina*. p. 94; *Jesus, o Libertador*: a história de Jesus de Nazaré. p. 62.

⁵¹ IDEM, Identidade cristã. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. p. 343.

⁵² IDEM, *Cristologia a partir da América Latina*. p. 40-41.

⁵³ IDEM, Seguimento de Jesus. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. p. 771.

⁵⁴ IDEM, Jesús de Nazareth. In: *Conceptos fundamentales de pastoral*. p. 483.

⁵⁵ As expressões "povos crucificados" e "descer da cruz os povos crucificados" foram criadas por Ignacio Ellacuría. Jon Sobrino explica: "Olhando o Terceiro Mundo não resta dúvidas de que há cruces, não só individuais, mas coletivas, as de povos inteiros. Por isso – diante da realidade histórica deste Terceiro Mundo – I. Ellacuría costumava dizer que é bom falar de "Deus crucificado", mas é tanto e mais necessário falar de "povos crucificados", com o que também elevava a realidade dos povos do Terceiro Mundo à realidade teológica." *Jesus, o Libertador*: a história de Jesus de Nazaré. p. 366.

⁴⁶ VALENTINI, F., BRETON, M. *Enciclopedia cristologica*. p. 805-808.

⁴⁷ ADNES, P. *Sequela e imitazione di Cristo nella Scrittura e nella Tradizione*. p. 149-154.

⁴⁸ Martin Hegel observa que, num primeiro momento, a pesquisa sobre os evangelhos e sobre o Jesus histórico deixou em segundo plano a questão do seguimento. *Seguimiento y carisma*. p. 10.

Essa perspectiva tem uma fundamentação bíblico-histórica: a revelação do amor de predileção de Deus para com os fracos e pequenos deste mundo; a realidade atual, marcada pela pobreza extrema de grande parte da humanidade⁵⁶.

Jon Sobrino está convencido de que a perspectiva das vítimas deste mundo oferece uma luz específica para compreender o objeto da teologia: Deus, Cristo, o pecado, a graça, a justiça, a esperança, a utopia. E estabeleceu uma relação recíproca, um círculo hermenêutico: de um lado, a perspectiva das vítimas ajuda a entender os textos cristológicos e a conhecer melhor a Jesus; de outro, Jesus, conhecido desta forma, ajuda a compreender melhor as vítimas e a defendê-las.

Este círculo hermenêutico traz conseqüências para o labor teológico: leva a fazer teologia “em defesa das vítimas” – *intellectus misericordiae*⁵⁷ – e introduz os pobres e as vítimas no âmbito da realidade teológica. As vítimas exigem conversão, acolhida e perdão e se transformam em sacramento de Deus e presença viva de Jesus no mundo⁵⁸. Além disso, Jon Sobrino estabelece uma correlação entre as vítimas deste mundo e a esperança da ressurreição de Jesus.

3.2 A globalidade histórica da vida de Jesus

A reapropriação da história de Jesus de Nazaré constitui o eixo central da estrutura cristológica de Jon Sobrino e o referencial impulsionador do seguimento histórico e da verdadeira ortodoxia. Trata-se de trilhar o mesmo caminho cronológico percorrido pelas primeiras comunidades cristãs, que se tornou *normativo* para nós; neste sentido, o processo cronológico coincide com o processo lógico.

⁵⁶ IDEM. *A fé em Jesus Cristo*: ensaio a partir das vítimas. p. 17.

⁵⁷ SOBRINO J. Teología desde la realidad. In: *O mar se abriu*: trinta anos de teologia na América Latina. p. 161.

⁵⁸ IDEM. *A fé em Jesus Cristo*: ensaio a partir das vítimas. p. 19.

Uma das preocupações fundamentais que acompanharam Jon Sobrino, na elaboração de sua cristologia, foi, sem dúvida alguma, a inoperância da cristologia clássica e a necessidade de oferecer aos cristãos força e estímulo para viver. Movendo-se no contexto da teologia da libertação, Jon Sobrino atribui ao Jesus histórico um significado específico. Não se trata de oposição entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé”, mas da vida de Jesus de Nazaré, suas palavras e seus acontecimentos, suas atividades e sua práxis, sua atitude, seu espírito, seu destino de cruz e ressurreição.

Nessa globalidade histórica da vida de Jesus, Jon Sobrino elege a prática, isto é, sua atividade para operar ativamente na realidade circundante e transformá-la, como o lugar de maior densidade metafísica da pessoa de Jesus. A prática de Jesus é inseparável de sua identidade mais profunda e, por isso, constitui a chave de acesso à totalidade de sua pessoa.

Jesus tornou visível o sentido mais profundo de sua vida, através de suas atitudes, de suas opções e de suas tomadas de posição. A esse modo singular de Jesus viver, Jon Sobrino adjetiva com a palavra espírito e cria a expressão “prática com espírito”, na qual, segundo ele, se revela o que há de melhor e mais profundo na pessoa de Jesus⁵⁹.

Jon Sobrino evidencia um fato que é central nos evangelhos: Jesus está a serviço do Reino de Deus que, para ele, é a realidade última. Ele é o mediador absoluto e definitivo do Reino. Apesar de falar inúmeras vezes do Reino de Deus, Jesus não define, teoricamente, o que é o Reino e nem quem é Deus. Diante deste fenômeno paradoxal, o teólogo salvadorenho percorre três vias fundamentais e não excludentes para compreender o que é o Reino de Deus: a *via nocional*, a *via dos destinatários* e a *via da prática de Jesus*⁶⁰.

Em sintonia com os pressupostos da teologia da libertação, Jon Sobrino privilegia a *via dos destinatários*⁶¹. A razão é simples. Sendo a boa notícia

⁵⁹ SOBRINO, J. *Jesus na América Latina*. p. 102-103.

⁶⁰ IDEM, *Jesus, o Libertador*: a história de Jesus de Nazaré. p. 110-159.

⁶¹ IDEM, Centralidad del Reino de Dios en la Teología de la Liberación. In: *Mysterium Liberationis*: Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación, v. 1, p. 488.

do Reino algo relacional, seus destinatários ajudam a esclarecer o conteúdo do próprio evangelho. E os pobres são os destinatários privilegiados dessa boa nova de Jesus.

A categoria do Reino está relacionada também com sua experiência de Deus, porque é o Deus do Reino que Jesus experimenta como realidade última de sua existência. Através da análise do modo de atuar de Jesus e de sua pregação, Jon Sobrino detecta diversos elementos da noção de Deus provenientes das tradições de Israel⁶² que Jesus integra *conceitualmente* em sua própria visão de Deus. No aspecto da *formalidade*, Jesus revela o poder transcendente de Deus que não consiste em realizar o que está além da capacidade natural da pessoa e sem contar com ela, mas em realizar o impossível de uma maneira nova e inesperada, como graça que renova o ser humano⁶³.

O sentido totalizante da atitude profunda de Jesus diante do Pai é expressa pela sua oração filial, pela fé e confiança, pela obediência incondicional e disponibilidade total.

3.3 Jesus chama para o seu seguimento

Nos evangelhos sinóticos, Jon Sobrino capta a densidade, a abrangência do seguimento exigido pela pessoa de Jesus, como luz perene que ilumina os seguidores de todos os tempos e lugares. Jesus chama com autoridade, incondicionalmente e sem dar nenhuma explicação convincente. A iniciativa da escolha e do chamado é de Jesus e unicamente dele.

Na perspectiva de Jon Sobrino, o seguimento exigido pela pessoa de Jesus é uma proposta nova e radical. Possui uma especificidade própria e inconfundível, que coloca a pessoa chamada em relação-comunicação com a pessoa de Jesus.

A força, a radicalidade do chamado de Jesus e a sua profunda relação com sua pessoa manifestam a consciência que ele tinha de si e de sua missão salvífica. E a resposta do seguimento põe em questão a totalidade da existência cristã e implica em nova maneira de ser, de pensar e de agir.

4. A MULTIPLICIDADE DE FORMAS PARA EXPRESSAR A REALIDADE DO SEGUIMENTO

Jon Sobrino resgata a densidade e a força cristológica do seguimento de Jesus e o seu potencial mistagógico, recolocando-o no centro da reflexão teológica e da existência cristã e refutando toda a concepção reductiva, fragmentária, ascética e repetitiva. O seguimento deixa de ser um tema específico da teologia espiritual⁶⁴, e se transforma em categoria cristológica, lugar primigênio de toda a epistemologia teológico-cristã⁶⁵ e, por conseguinte, também princípio hermenêutico fundamental.

A densidade e a força cristológica do seguimento, bem como seu potencial totalizante e unificador da vida cristã não se esgotam numa simples definição, mas é expressa por Jon Sobrino numa multiplicidade de formas complementares entre si. Entre essas definições, podemos destacar o *seguimento como forma privilegiada de explicitar a identidade cristã* (4.1); que consiste em *reproduzir a vida histórica de Jesus* (4.2).

4.1 Seguimento: forma privilegiada de explicitar a identidade cristã

Para Jon Sobrino, a identidade cristã é uma questão significativa que, por sua estrutura instrínseca e pela sua relação com a realidade, deve ser

⁶² Tradição profética, tradição apocalíptica, tradição sapiencial, tradição existencial. Cf. IDEM, *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. p. 203-204.

⁶³ IDEM, *A oração de Jesus e do cristão*. p. 27-28.

⁶⁴ SOBRINO, J. *Ressurreição da verdadeira Igreja*. p. 32.

⁶⁵ IDEM, *Ressurreição da verdadeira Igreja*. p. 47; *La fe en el Dios crucificado. Reflexiones desde El Salvador. Revista Latinoamericana de Teología*, n. 31, p. 65.

constantemente repensada e reconstruída. Embora reconhecendo que existem diferentes caminhos para defini-la, ele propõe a *via cristológica*. As razões teológicas desta escolha são: a relação entre Cristo e o cristão, entre identidade cristã e teologia e fé cristã. Segundo ele, este caminho é o mais adequado, pois apresenta fundamentação bíblica e histórica⁶⁶.

O seguimento de Jesus é a melhor forma de explicitar a identidade cristã⁶⁷. O próprio Jesus ensinou que no seu seguimento consiste a identidade cristã de quem aderiu à pessoa dele na História e de quem crer nele depois da ressurreição⁶⁸. É no processo de seguimento que vai sendo construída a identidade cristã. Estabelece-se, assim, entre o seguimento de Jesus e a identidade cristã uma relação de natureza epistemológica. O seguimento se transforma em princípio epistemológico e em caminho insubstituível para, simultaneamente, conhecer Jesus e construir a identidade cristã.

Realizar a identidade cristã a partir do seguimento é viver em constante tensão entre *reproduzir* e *atualizar*. O seguidor deve *reproduzir* a estrutura fundamental da vida de Jesus: encarnação, missão, cruz e ressurreição e, ao mesmo tempo, *atualizá-la* de acordo com as exigências do contexto em que vive.

A identidade cristã tem duas dimensões significativas expressas em dois verbos: *recordar* que Deus se manifestou em Jesus. Essa lembrança perene nos leva a outra realidade que não pode ser esquecida: o Reino de Deus e sua relação central com os pobres⁶⁹; *caminhar*: o Deus de Jesus é um Deus a caminho, a fé cristã nesse Deus é um caminhar humildemente com Deus na história, praticando a justiça e amando com ternura⁷⁰.

Ao conceber a identidade cristã como realidade dinâmica que se constrói no processo de seguimento, Jon Sobrino contribui, de forma expressiva, para subtraí-la da abstração e da alienação e reforça o seu caráter cristocêntrico e, conseqüentemente, seu compromisso com o prosseguimento de Jesus.

⁶⁶ SOBRINO, J. Identidade cristã. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. p. 343.

⁶⁷ *Ibid.* p. 343.

⁶⁸ *Ibid.* p. 343.

⁶⁹ IDEM, *A fé em Jesus Cristo: ensayo a partir das vítimas*. p. 489-500.

⁷⁰ *Ibid.* p. 472-475.

4.2 Reproduzir a vida histórica de Jesus

De diversos modos e com matizes diferentes, Jon Sobrino afirma que seguir Jesus é reproduzir e atualizar os quatro momentos mais significativos de sua vida terrena: *encarnação parcial na história, missão em favor das vítimas, caminho da cruz e ressurreição*⁷¹. Introduz, desta forma, a consciência de que o seguimento é o lugar da articulação entre fé e compromisso, entre a memória viva e atuante do passado e a resposta corajosa aos desafios históricos atuais.

O seguimento exige encarnação parcial no mundo dos pobres, não como critério moral, mas como critério teológico. É defendendo os pequenos e pobres que Deus se faz pai de todos. A universalidade para ser cristão passa pela parcialidade. Se a encarnação é real, seu fruto é uma prática de amor eficaz, que luta contra a injustiça e a favor das vítimas. A práxis do amor e da justiça passa a ser uma dimensão interna e experiencial da fé. A cruz é a expressão total de uma existência que não só lutou contra o pecado e procurou erradicá-lo, mas carregou o pecado do mundo; a morte na cruz foi a conseqüência de sua vida; a ressurreição justifica-se a partir da identidade do ressuscitado como o injustamente crucificado.

Antes mesmo de qualquer formulação conceitual, Jon Sobrino percebe que existe uma relação entre Jesus de Nazaré e a situação dos povos oprimidos. Essa percepção constitui elemento decisivo para a cristologização das vítimas. Embora a expressão povos crucificados, tenha sido usada no primeiro por Inácio Ellacuría, na cristologia⁷², não resta dúvida de que este tema é específico do nosso autor. Mesmo assim, deve-se reconhecer que, neste aspecto, Jon Sobrino é devedor do teólogo J. Moltmann, autor da obra "O Deus crucificado"⁷³, por ele citado, inúmeras vezes.

⁷¹ IDEM. *Jesus na América Latina*. p. 235-237.

⁷² Em ELLACURÍA, I., que cunhou a expressão "povos crucificados", esse tema não é tratado na cristologia. Cf. *Pueblo crucificado. Ensayo de soterologia histórica*. In: *Cruz e Ressurrección*. p. 49-82.

⁷³ A obra *O Deus crucificado* (1972), é a segunda que constitui uma espécie de trilogia da esperança, ao lado da primeira, *Teologia da esperança* (1964) e da terceira, *A Igreja na força do Espírito* (1975). Cf. *A Teologia do século XX*. p. 296.

Nosso autor não usa a expressão realidade crucificada, mas povo crucificado que, sendo uma linguagem histórica, sem dúvida reflete também a realidade crucificada e indica a centralização direta na pessoa humana, como protagonista da história. Os povos que não têm o essencial para viver, desprezados e humilhados em sua dignidade de filhos de Deus, são a atualização do rosto histórico do crucificado de Nazaré.

Consumação intrínseca da vida de Jesus, sua ressurreição é uma realidade totalizante não acessível diretamente, mas através da perspectiva da esperança das vítimas que perpassa todo o tecido da cristologia de Jon Sobrino. A ressurreição como ação escatológica de Deus na História está intimamente relacionada à identificação do ressuscitado que é o crucificado. Ressuscitando Jesus, Deus confirma a verdade de sua vida terrena.

Depois de analisar diversos enfoques hermenêuticos, Jon Sobrino escolhe as vítimas deste mundo como seu princípio hermenêutico. A partir deste princípio, inspirando-se em Kant, responde às perguntas antropológicas que expressam a totalidade do ser humano: O que podemos esperar? A esperança no poder de Deus contra a injustiça que produz vítimas. O que devemos fazer? Descer da cruz os povos crucificados. O que é permitido esperar? A História como promessa. E ele acrescenta uma quarta pergunta: O que podemos celebrar? A plenitude da História⁷⁴.

Só é possível compreender e viver a ressurreição no caminho prático do seguimento do crucificado à luz do ressuscitado. Conseqüentemente, a ressurreição é um modo de ser e de viver o seguimento. A ressurreição é uma realidade totalizante que tem a função de plasmar ressuscitadamente a estrutura do seguimento de Jesus: encarnação parcial na história, a missão em favor das vítimas e, conseqüentemente, o caminho da cruz.

⁷⁴ SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*. p. 250; *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. p. 60-61.

5. ESPIRITUALIDADE DO SEGUIMENTO DE JESUS

Sintetizando seu pensar, Jon Sobrino define a vida cristã como prosseguimento de Jesus com espírito. Ele próprio explica o significado desta afirmação: *Pro* indica a atualização no presente e a abertura para o futuro; *seguimento* remete à estrutura fundamental da vida de Jesus que é preciso reproduzir; *com espírito* indica a força para caminhar⁷⁵.

Neste aspecto, Jon Sobrino dá uma contribuição qualificada. Reafirma a essência da identidade cristã que consiste em ser e viver como Jesus e, ao mesmo tempo, através do dom do Espírito, abre um horizonte de futuro, colocando o seguidor em contato com os sempre novos e surpreendentes desafios históricos.

Dentre os modos de conceber a espiritualidade, Jon Sobrino rejeita todo o conceito restrito que leva a considerá-la como substrato genérico das práticas de piedade, como modo de colocar-se em contato com o mundo espiritual, como realidade autônoma e isolada⁷⁶. Ele define a espiritualidade como dimensão fundamental do ser humano tão inerente a ele como a corporeidade, a sociabilidade e a praxicidade; como modo de seguir Jesus com espírito, reproduzindo e atualizando sua vida histórica desde a perspectiva do pobre⁷⁷.

Neste modo de conceber a espiritualidade, Jon Sobrino leva em conta a bipolaridade da existência humana, na qual coexistem a história e a transcendência. Seu mérito consiste em afastar definitivamente todo o tipo de abstração e toda forma de entender a espiritualidade como relação com um universo puramente espiritual, invisível e imaterial. Ele estabelece uma coin-

⁷⁵ IDEM. "Luz que penetra las almas" Espírito de Dios y seguimiento lúcido de Jesús. *Sal Terrae*, n. 1008, p. 9. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. p. 483.

⁷⁶ IDEM. *Espiritualidade da Libertação: estruturas e conteúdos*, p. 10-11; *Espiritualidad e seguimiento de Jesús*. In: *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la Liberación*. p. 452-459.

⁷⁷ IDEM. *Espiritualidade da Libertação: estruturas e conteúdos*. p. 39.

cidência fundamental entre vida real e histórica e vida espiritual, afirmando categoricamente que não pode haver vida "espiritual" sem "vida" real e histórica⁷⁸.

Na afirmação de que a espiritualidade cristã consiste em seguir Jesus com espírito, Jon Sobrino concentra as duas dimensões do seguimento: cristológica que consiste em refazer a estrutura fundamental da vida de Jesus e pneumatológica, cuja função é atualizar Jesus na História.

Além de conceber a espiritualidade como uma dimensão do ser humano, tão essencial quanto a corporeidade, a sociabilidade e a prática, e de afastar toda tentativa de abstração, outra novidade trazida por Jon Sobrino em relação à espiritualidade está em considerá-la como parte integrante do seguimento de Jesus e como princípio que unifica os diversos elementos da resposta humana para que a realidade em crise se transforme em promessa⁷⁹.

Para Jon Sobrino, não existe dicotomia, mas recíproca relação entre saber teológico e espiritualidade: a reflexão teológica esclarece e alimenta a vida espiritual; a experiência espiritual, por sua vez, sustenta e dá vigor à inteligência da fé. Não só! Com os expoentes da teologia da libertação, Jon Sobrino vai mais além, afirmando que a teologia da libertação é uma teologia espiritual que nasce de uma experiência espiritual, como ato primeiro, e a teologia é ato segundo; é uma teologia toda ela espiritual, isto é, elaborada com espírito adequado e com a função de esclarecer a verdade da fé e dar ânimo à vida cristã⁸⁰.

Jon Sobrino afirma que, para a teologia da libertação, a espiritualidade é uma dimensão tão primigênia e necessária quanto a libertação, ambas estão intimamente relacionadas e se exigem reciprocamente. Desta forma, podemos afirmar que Jon Sobrino e os teólogos da libertação apontaram um caminho para a solução da problemática que envolve a relação entre teologia e

espiritualidade, propondo a experiência espiritual como ato primeiro do pensar teológico e integrando a espiritualidade na teologia, como uma de suas dimensões essenciais.

CONCLUSÃO

Contribuição de Jon Sobrino para a reflexão cristológica

Ao resgatar a densidade teológica do seguimento de Jesus e recolocá-lo no centro da cristologia e da existência cristã, Jon Sobrino traz relevantes contribuições para o cenário da reflexão cristológica. Colabora para a reapropriação da categoria da história na cristologia e na vida do seguidor que é chamado a reproduzir, historicamente, a vida de Jesus. Reforça o caráter soterológico da cristologia. Jesus é o enviado do Pai que veio ao mundo para realizar seu projeto de salvação universal, entendida como libertação integral e na resposta do seguimento vai, processualmente, acontecendo a salvação.

Além disso, Jon Sobrino chama a atenção para a relacionalidade do conhecimento cristológico, que é o resultado de um processo em que o seguidor vai, progressivamente se confrontando com a pessoa de Jesus e neste confronto toma consciência da identidade de Jesus e descobre a própria identidade como seguidor. Redescobre o valor do testemunho martirial, não como fim de uma trajetória, mas como passagem para a vida plena. A cristologia de Jon Sobrino é uma cristologia eclesial, situada no reino da vida em constante confronto com o reino da morte, dialogante e aberta ao futuro⁸¹.

⁸¹Este artigo apresenta resultados da minha tese doutoral: Seguimento de Jesus: uma abordagem a partir da cristologia de Jon Sobrino, defendida no dia 06 de março de 2001, na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Agradeço ao meu orientador Pe. Dr. João Batista Libanio, a quem dedico este artigo, e aos leitores Pe. Dr. Antonio Manzatto, Pe. Dr. Benedito Beni dos Santos e Pe. Dr. Benedito Ferraro.

⁷⁸ *Ibid.* p. 24 e 32-33.

⁷⁹ *Ibid.* p. 13.

⁸⁰ *Ibid.* p. 87.

BIBLIOGRAFIA

- ADNES, P. *Sequela e imitazione di Cristo nella Scrittura e nella Tradizione*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1993.
- ÁLVAREZ GOMEZ, J. *Historia de la vida religiosa*. Madri: Publicaciones Claretanas, 1987.
- _____. *La vida religiosa ante los retos de la historia*. Madri: Publicaciones Claretanas, 1979.
- BANCO MUNDIAL. *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial 2000/2001*, divulgado em 12 de setembro de 2000.
- BARBAGLIO, G.; DIANICH, S. *Nuevo Diccionario de teología*. Madri: Cristianidad, 1982.
- BARDY, G.; TRICOT, A. *Enciclopedia cristologica*. Alba: Paoline, 1960.
- CASTILLO, J. M. *El seguimiento de Jesús*. Salamanca: Sígueme, 1989.
- CODINA, V.; ZEVALLOS, N. *Vida religiosa: história e teologia*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- DI PINTO, L. "Seguire Gesù secondo i vangeli sinottici. In: *Settimana Biblica XXII. (Fondamenti biblici della teologia morale)* Brescia: Paideia, 1973. p. 187-251.
- ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*. Madri: Trotta, 1990. 2v.
- ELLACURÍA, I. Pueblo crucificado. Ensayo de soterología histórica. In: *Cruz e Ressurreição*. México: CRT, 1978. p. 49-82.
- FABRI DOS ANJOS, M. (Org.). *Teologia e novos paradigmas*. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. (Org.) *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Loyola, 1997.
- FERNÁNDEZ, B. *El Cristo del seguimiento*. Madri: Publicaciones Claretianas, 1995.
- _____. *Seguir a Jesús, el Cristo*. Madri: Publicaciones Claretianas, 1998.

- FLORISTAN, C.; TOMAYO, J. J. *Conceptos fundamentales de pastoral*. Madri: Cristiandad, 1983.
- GIBELLINI, R. *A Teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.
- GNILKA, J. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HEGEL, M. *Seguimiento y carisma*. Santander: Sal Terrae, 1981.
- KEMPIS, T. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- LOZANO, J. M. *La sequela di Cristo*. Milano: Ancora, 1981.
- MAZZEO, M. *La sequela di Cristo nel libro dell'Apocalisse*. Milano: Paoline, 1997.
- MICHAELIS, W. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1971. 7v.
- PELLICCIA, G.; ROCCA, G. *Dizionario degli Istituti di perfezione*. Roma: Paoline, 1989. 9v.
- RODRIGUES, A. A.; CANALS CASAS, J. *Dicionário teológico da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1994.
- ROSSI L. VALSECHI, A. *Dizionario encicopedico di teologia morale*. Roma: Paoline, 1973.
- SAMANES C. F.; TOMAYO-ACOSTA, J. J. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999.
- SCHULZ, A. *Discípulos de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1969.
- SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. *Ressurreição da verdadeira Igreja*. São Paulo: Loyola, 1982.
- _____. *A oração de Jesus e do cristão*. São Paulo: Loyola, 1981.
- _____. *Jesus na América Latina*. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. *Espiritualidade da Libertação: estruturas e conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994.

———. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1990.

———. *A fé em Jesus: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

———. La fe en el Dios crucificado. Reflexiones desde El Salvador. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 31, p. 47-75, ene. abr. 1994.

———. “Luz que penetra las almas”: espíritu de Dios y seguimiento lúcido de Jesús. *Sal Terrae*, San Salvador, n. 1008, p. 3-15, ene. 1998.

SUSIN, L. (Org.) *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1999.

TURBESSI, G. Il significato neotestamentario di “sequela” e di “imitazione” di Cristo. In: *Benedictina*, n. 19, p. 196-225. 1972.

VALENTINI, F.; BRETON, M. *Enciclopedia cristologica*. Roma: Paoline, 1960.

VV.AA. Seguimi!. Parola, spirito e vita. *Quaderni di lettura biblica*, n. 2, 1980.

VV.AA. *El seguimiento de Cristo*. Madri: Pontificia Universidad de Comillas, 1997.

Irmã Ivanise Bombonato é Doutora em Teologia Dogmática e professora no Instituto Teológico São José de Pouso Alegre - MG.

DECIDIDO A DEFENDER O OPRIMIDO (Ex 2,11-15c)

Dr. Matthias Grenzer

1. INTRODUÇÃO

A narração do *ferimento* (mortal) *de um egípcio* (Ex 2,11-15c), por parte de Moisés, é um texto que preocupa muitos leitores, principalmente em vista do uso de força física pelo protagonista da história. Pensando na necessidade de defender o mais fraco numa sociedade opressora e escravista, quais as perspectivas teológico-éticas desse texto bíblico?¹. Para compreender melhor a cena de Ex 2,11-15c é bom lembrar, por um instante, o que foi contado antes.

O livro do Êxodo inicia com a *chegada da família de Jacó no Egito* e a história da prosperidade dela. Um pequeno grupo de *setenta pessoas* transforma-se num *povo numeroso* (Ex 1,1-7). Mais tarde, o destino desses imigrantes muda completamente. Em razão das *sábias medidas* do faraó, os hebreus são *oprimidos e obrigados a duros trabalhos*. Dentre estes, constroem as *cidades armazéns de Pitom e Ramsés* (Ex 1,8-14). Quem se solidariza, como leitor, com o mais fraco sente, a partir de agora, angústia frente ao destino dos hebreus.

Começa, então, um ciclo de narrações que destacam várias tentativas de resistência e oposição ao regime faraônico. A história das *parteiros hebréias, Sefra e Fuá* (Ex 1,15-22), e a narração da *princesa egípcia, da irmã e da mãe de Moisés* (Ex 2,1-10) realçam mulheres que agem com esperteza e coragem, opondo-se às ordens e ao poder mortal do faraó, defendendo a vida de crianças inocentes. O pequeno Moisés sobrevive graças à

¹ A respeito das perspectivas teológico-éticas do projeto do êxodo, confira meu artigo: GRENZER, Matthias. Sede em Massa e Meriba (Ex 17,1-7). *Revista de Cultura Teológica*, v. 33, p. 121-132, 2000.